



São Paulo, 09 de janeiro de 2020

NOTA À IMPRENSA

Valor da cesta básica aumenta em praticamente todas as capitais em 2019

Em 2019, o valor da cesta básica aumentou em 16 das 17 capitais onde o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos. As altas mais expressivas, entre dezembro de 2018 e 2019, foram registradas em Vitória (23,64%), Goiânia (16,94%), Recife (15,63%) e Natal (12,41%). A menor variação positiva ocorreu em Salvador (4,85%). Em Aracaju, o acumulado em 12 meses foi negativo (-1,89%).

Entre novembro e dezembro de 2019, o valor da cesta subiu em todas as cidades, com destaque para Goiânia (13,64%), Rio de Janeiro (13,51%) e Belo Horizonte (13,04%).

Em dezembro de 2019, o maior custo do conjunto de bens alimentícios básicos foi apurado no Rio de Janeiro (R\$ 516,91), seguido por Florianópolis (R\$ 511,70) e São Paulo (R\$ 506,50). Os menores valores médios foram observados em Aracaju (R\$ 351,97), Salvador (R\$ 360,51) e João Pessoa (R\$ 373,56).

Com base na cesta mais cara, que, em dezembro, foi a do Rio de Janeiro, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em dezembro de 2019, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a **R\$ 4.342,57** ou 4,35 vezes o mínimo de R\$ 998,00. Em novembro, o mínimo necessário correspondeu a **R\$ 4.021,39**, ou 4,03 vezes o piso vigente. Em dezembro de 2018, o salário mínimo necessário foi de R\$ **3.960,57**, ou 4,15 vezes o piso em vigor, que equivalia a R\$ 954,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais
Brasil – dezembro e ano de 2019

Capital	Varição Anual (%)	Varição Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Tempo de Trabalho	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido
Vitória	23,64	8,04	499,23	110h03m	54,37
Goiânia	16,94	13,64	454,75	100h15m	49,53
Recife	15,63	11,04	393,80	86h49m	42,89
Natal	12,41	10,31	383,76	84h36m	41,80
Florianópolis	11,77	6,90	511,70	112h48m	55,73
Rio de Janeiro	10,75	13,51	516,91	113h57m	56,30
Curitiba	9,50	10,94	458,88	101h10m	49,98
Fortaleza	9,14	9,55	433,64	95h35m	47,23
Porto Alegre	8,95	11,56	506,30	111h37m	55,14
Belo Horizonte	8,86	13,04	444,91	98h05m	48,46
Brasília	8,74	-	473,90	104h28m	51,61
Belém	8,32	8,62	414,13	91h17m	45,10
João Pessoa	8,21	7,61	373,56	82h21m	40,69
São Paulo	7,44	8,74	506,50	111h39m	55,16
Campo Grande	6,43	6,64	450,08	99h13m	49,02
Salvador	4,85	5,58	360,51	79h28m	39,26
Aracaju	-1,89	8,17	351,97	77h35m	38,33

Fonte: DIEESE

Cesta x salário mínimo

Em dezembro de 2019, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 97 horas e 42 minutos. Em novembro, a jornada necessária foi calculada em 83 horas e 29 minutos. Em dezembro de 2018, quando a pesquisa era feita em 18 capitais, a média foi de 92 horas e 17 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em dezembro, 48,27% do rendimento para adquirir os mesmos produtos que, em novembro, demandavam 43,83%. Em dezembro de 2018, quando a pesquisa era feita em 18 capitais, a média foi de 45,59%.



Comportamento dos preços dos produtos da cesta em 2019¹

Em dezembro de 2019, os preços médios da carne bovina de primeira, óleo de soja, feijão e batata, pesquisada na região Centro-Sul, apresentaram aumento na maior parte das cidades pesquisadas, na comparação com dezembro de 2018. Já o café em pó e o tomate tiveram taxas negativas na maioria das capitais.

Entre dezembro de 2018 e 2019, a carne bovina de primeira variou entre 12,05%, em Aracaju, e 47,45%, em Vitória. Este resultado deveu-se ao alto nível de exportação ao longo de 2019, principalmente para a China. Somou-se a isso, no segundo semestre, entressafra e maior custo de reposição dos bezerros, o que acarretou a elevação expressiva de preços. A demanda interna, por sua vez, permaneceu baixa na maior parte do ano, resultado do menor poder de compra dos brasileiros.

Todas as cidades acumularam alta no preço do óleo de soja entre dezembro de 2018 e 2019. As maiores taxas foram observadas em Vitória (18,77%), Belém (18,51%), Goiânia (16,13%), Florianópolis (15,70%) e Rio de Janeiro (15,59%). Ao longo do ano, observou-se uma demanda grande por óleo de soja bruto degomado para a produção de biodiesel, o que elevou os preços do produto também no varejo.

O valor do feijão aumentou em 16 cidades entre dezembro de 2018 e 2019. O tipo carioquinha, pesquisado nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo teve o preço majorado em todas as cidades, com taxas que variaram entre 25,81%, em Recife, e 71,31%, em Goiânia. Já o feijão preto, pesquisado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, acumulou alta entre 6,96%, em Curitiba, e 14,26%, no Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, o percentual foi negativo (-2,30%).

Na comparação entre dezembro de 2018 e 2019, o preço médio do quilo da batata, pesquisada no Centro-Sul, aumentou em nove localidades, com taxas entre 0,98%, no Rio de Janeiro, e 45,22%, em Vitória. Em Belo Horizonte, foi registrada diminuição de -1,42%. A redução da área plantada de batata de mesa limitou a oferta nacional e elevou os preços na maior parte do ano.

¹ Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.



O café em pó acumulou queda em quase todas as cidades, com variações entre -18,02%, em Aracaju, e -1,72%, em Recife. A única alta ocorreu em Goiânia (5,95%). A boa perspectiva da safra 2019/2020 manteve as cotações do grão em patamares menores ao longo do ano. Porém, nos dois últimos meses, os preços negociados foram maiores, devido à menor oferta do grão e às perspectivas para a próxima safra. No varejo, no entanto, os valores médios estiveram em patamares menores do que os praticados em dezembro de 2018.

O preço do quilo do tomate diminuiu em 15 cidades em 2019, com variações entre -51,86, em Belo Horizonte, e -20,32%, em Goiânia. As altas foram anotadas em Vitória (27,56%) e Recife (18,09%). Apesar da diminuição da área plantada de tomate, as altas temperaturas, principalmente a partir do segundo semestre, amadureceram o fruto mais rápido, o que manteve o nível de oferta alto e reduziu os preços.

Comportamento mensal dos preços dos produtos

Entre novembro e dezembro de 2019, o preço médio da carne bovina de primeira subiu em todas as capitais, devido às exportações, à entressafra e ao alto custo de reposição do bezerro. As altas da carne entre novembro e dezembro variaram entre 13,08%, em Salvador, e 27,83%, no Rio de Janeiro.

O tomate também apresentou elevação de valor em todas as cidades, com destaque para os percentuais registrados no Rio de Janeiro, 48,42%, e em Porto Alegre, 42,89%. O encerramento da safra de verão e a maturação antecipada do fruto, devido ao calor, fizeram com que a oferta em dezembro fosse menor, elevando os preços no varejo.

Em 13 capitais, o preço do feijão aumentou, principalmente o grão carioca, pesquisado no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo. Destacam-se as altas em Belém (30,74%) e Belo Horizonte (30,17%). A oferta do grão ficou reduzida pela entressafra, o que explicou a elevação dos preços no varejo.



São Paulo

Em 2019, a cesta básica na capital paulista apresentou alta de 7,44% e custou R\$ 506,50, o terceiro maior valor entre as 17 cidades onde o DIEESE realiza a pesquisa. Entre novembro e dezembro, os preços dos gêneros alimentícios aumentaram, em média, 8,74%.

Em 2019, nove produtos tiveram alta acumulada de preço: feijão cariquinho (52,28%), carne bovina de primeira (26,33%), batata (16,07%), banana (9,85%), óleo de soja (6,88%), manteiga (4,90%), farinha de trigo (3,00%), pão francês (1,52%) e açúcar refinado (0,83%). Já as diminuições de valor foram registradas no tomate (-35,62%), leite integral (-4,30%), café em pó (-4,25%) e arroz agulhinha (-1,32%)

Entre novembro e dezembro, houve elevação do preço médio do feijão cariquinho (19,52%), carne bovina de primeira (18,54%), tomate (8,51%), banana (4,78%), açúcar refinado (4,72%), batata (2,95%), farinha de trigo (2,10%), óleo de soja (1,63%), manteiga (0,97%) e pão francês (0,16%). O valor médio do arroz agulhinha não se alterou, enquanto os preços do leite integral (-1,55%) e do café em pó (-0,62%) diminuíram.

Em dezembro de 2019, o trabalhador paulistano remunerado pelo salário mínimo comprometeu 111 horas e 39 minutos da jornada mensal para adquirir os gêneros essenciais, tempo maior que o de novembro, quando ficou em 102 horas e 41 minutos. Em dezembro de 2018, o tempo comprometido foi de 108 horas e 43 minutos.

Quando comparados o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, a relação foi de 55,16%, em dezembro, e 50,73%, em novembro de 2019. Em dezembro de 2018, o percentual era de 53,71%.

O valor médio da cesta básica paulistana em 2019 foi de R\$ 490,36 o que correspondeu a um aumento de 10,32% em relação a 2018 (R\$ 444,49). A jornada média de um trabalhador remunerado pelo salário mínimo para a aquisição dos produtos foi de 108 horas e 09 minutos, maior que a registrada em 2018, quando ficou em 102 horas e 50 minutos. Já o percentual do salário mínimo total empenhado com a compra da cesta paulistana foi de 49,13%, em 2019, e de 46,59%, em 2018 (Tabela 2).

TABELA 2
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Comprometimento médio anual do salário mínimo total e jornada média anual necessária
para aquisição da cesta básica média anual
Município de São Paulo – 1959/2019

Ano	Cesta Básica x Salário Mínimo em %	Jornada de Trabalho Necessária	Ano	Cesta Básica x Salário Mínimo em %	Jornada de Trabalho Necessária
1959	27,12	65h5	1990	92,42	203h19
1960	33,96	81h30	1991	74,79	164h32
1961	29,96	71h54	1992	85,56	188h14
1962	39,50	94h48	1993	78,07	171h46
1963	40,97	98h20	1994	102,35	225h10
1964 ⁽¹⁾	-	-	1995	99,69	219h18
1965	36,74	88h10	1996	88,08	193h46
1966	45,62	109h15	1997	81,32	178h56
1967	43,85	105h14	1998	81,98	180h22
1968	42,33	101h35	1999	79,86	175h42
1969	45,97	110h20	2000	78,47	172h38
1970	43,82	106h11	2001	73,51	161h42
1971	46,58	111h48	2002	70,53	155h10
1972	49,65	119h09	2003	73,20	161h04
1973	61,25	147h	2004	68,09	149h48
1974	68,10	163h26	2005	62,60	137h43
1975	62,36	149h39	2006	52,67	115h53
1976	65,63	157h30	2007	51,95	114h17
1977	59,30	142h19	2008	57,68	126h54
1978	57,34	137h37	2009	49,47	109h53
1979	63,78	153h04	2010	48,61	106h56
1980	65,57	157h22	2011	49,35	108h35
1981	62,36	149h40	2012	47,08	103h35
1982	54,74	131h22	2013	48,44	106h57
1983	73,56	176h33	2014	47,64	105h21
1984	81,10	194h38	2015 ⁽³⁾	49,45	109h19
1985	74,38	178h30	2016	51,87	114h12
1986	78,89	189h20	2017	46,41	102h11
1987	86,86	208h28	2018	46,59	102h50
1988 ⁽²⁾	71,34	167h48	2019	49,13	108h09
1989	77,88	171h20			

Fonte: DIEESE

Nota: (1) O DIEESE não possui os preços de 1964

(2) De janeiro a setembro, foi considerada a jornada legal de 240 horas. De outubro a dezembro, 220 horas.

(3) Percentual e jornada que consideram a série de dezembro recalculada pela mudança metodológica. Na série antiga, o percentual foi de 49,38% e a jornada de 109 horas e 05 minutos